

ESPIRITUALIDADE, EDUCAÇÃO POPULAR E LUTA POLÍTICA PELA SAÚDE

Spirituality, Popular Education and the Political Struggle for Health

Eymard Mourão Vasconcelos¹

RESUMO

O tema da espiritualidade vem ocupando espaço crescente na medicina e saúde coletiva. São inúmeros os trabalhos internacionais mostrando a associação entre vida religiosa e espiritualidade com as condições de saúde da população e o processo de recuperação de doenças. No entanto, pouca ênfase tem sido dada ao estudo do significado da espiritualidade para as ações coletivas em saúde. No Brasil, a forte presença de práticas de Educação Popular em Saúde tem possibilitado reflexões sobre os caminhos da luta política pela saúde nas comunidades. O autor deste trabalho está envolvido há 30 anos em práticas de Educação Popular em Saúde e participa ativamente do movimento de educadores populares brasileiros no campo da saúde, em que este tema vem sendo debatido desde meados da década de 1990. Ele procura sistematizar o debate que vem ocorrendo sobre o significado da espiritualidade na luta pela saúde nas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade. Religião. Religião e Medicina. Educação em Saúde. Educação de População.

INTRODUÇÃO

A Educação Popular se constituiu, como uma proposta política e pedagógica bem delimitada, na década de 1960. Na década de 1970, a partir do movimento de resistência contra a Ditadura Militar instalada em 1964 no Brasil, muitos profissionais de saúde se inseriram em práticas de Educação Popular que se multiplicavam por diversos recantos da nação. Neste contexto, surgiram inúmeras práticas de saúde comunitária extremamente integradas

ABSTRACT

The theme of spirituality is increasingly appearing in medicine and public health. Innumerable international studies show an association between a religious and spiritual life with the health conditions of a population and the process of recuperation from disease. Nevertheless, little attention has been paid to the study of the significance of spirituality for group activities in healthcare. In Brazil, the strong presence of Popular Education in Health has offered considerations concerning the political struggle for health in communities. The author of this work has been involved in activities relating to Popular Education in Health for 30 years and actively participates in the movement of grass roots Brazilian educators in the area of health - a theme debated from the mid 1990s. He attempts to systematize the current debate regarding the significance of spirituality in the struggle for health in the community.

KEY WORDS: Spirituality. Religion. Religion and Medicine. Health Education. Population Education.

à dinâmica de vida e à luta da população. O Movimento Popular de Saúde (MOPS) articulou e apoiou, na década de 1980, um grande número destas experiências, que foram importantes referências para o emergente Movimento Sanitário pensar a reforma do sistema de saúde brasileiro. Muitas das propostas mais avançadas, hoje presentes no SUS - Sistema Único de Saúde - (agentes comunitárias de saúde, conselhos de saúde, modos participativos de enfrentamento de problemas de saúde, integração do enfrentamento de questões particulares de saúde com as lutas

¹ Professor do Departamento de Promoção da Saúde da UFPB, doutor em Medicina Tropical e pós-doutor em Saúde Pública. R. Gilvan Muribeca 215, apto 301, Bairro Cabo Branco, João Pessoa, PB, Cep 58.045-220, Paraíba.
E-mail: eymard.vasconcelos@gmail.com

mais gerais da sociedade, etc.), foram gestadas e difundidas nestas experiências de saúde comunitária orientadas pela Educação Popular. Passados 20 anos da implantação do SUS no Brasil, a Educação Popular está voltando a ser muito valorizada no campo da saúde com o crescimento da preocupação com a reforma qualitativa dos modelos de assistência à saúde. Desde meados da década de 1990, cresceu muito a produção bibliográfica sobre Educação Popular em saúde, em geral direcionada para orientar a condução das práticas de saúde em direção a uma maior integração com interesses, saberes, iniciativas e padrões culturais da população. Nesta época, Victor Valla (1998) passou a chamar atenção para a necessidade de se dar mais importância à vida religiosa das classes populares para se compreender suas formas de pensar e enfrentar os seus problemas. Os trabalhos de Victor Valla repercutiram não apenas no campo da saúde, mas também na reflexão que pesquisadores do campo da educação vêm fazendo sobre os novos caminhos da Educação Popular. No campo deste debate acadêmico, tem-se optado pelo uso do conceito de espiritualidade ao invés de vida religiosa por incluir também formas não religiosas de lidar com as dimensões profundas da subjetividade (VALLA, 1998).

Este artigo é uma tentativa de sistematização das reflexões que vêm ocorrendo na Rede de Educação Popular e Saúde (movimento de educadores populares brasileiros do campo da saúde que se articulam principalmente através de lista de discussão pela Internet, conforme informes constantes no site: <http://br.groups.yahoo.com/group/edpopsaude>), na Rede de Estudos sobre Espiritualidade no Trabalho em Saúde e na Educação Popular (articulação de estudiosos sobre o tema da espiritualidade na saúde, conforme informes constantes no site: <http://br.groups.yahoo.com/group/esp-sau-ed>), no Grupo de Trabalho sobre Educação Popular da ANPED - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação - (para maiores informações, consultar o site <http://www.anped.org.br/>) e nos 30 anos de envolvimento do autor com o campo da saúde comunitária sobre o papel da espiritualidade na Educação Popular e no trabalho em saúde. Esta sistematização pôde ser consolidada em Estágio de Pós-Doutoramento na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ, no Rio de Janeiro. Este texto procura esclarecer a forma como a dimensão da espiritualidade participa na luta política da população e dos trabalhadores sociais por melhores condições de vida e saúde. Busca também discutir as implicações da valorização da dimensão espiritual para a metodologia de condução do trabalho educativo.

ESPIRITUALIDADE NA EDUCAÇÃO POPULAR: UMA PRESENÇA POUCO RESSALTADA NO DEBATE ACADÊMICO

A Educação Popular, desde a sua origem nos meados do século XX, esteve muito ligada ao campo religioso, seja pela origem cristã de muitos de seus pioneiros, seja pela estreita ligação de suas práticas com as pastorais, principalmente da Igreja Católica, após o Golpe Militar de 1964. A partir dos anos 70, as igrejas cristãs, que conseguiram resistir à repressão política da ditadura, se tornaram espaços privilegiados de apoio às iniciativas de Educação Popular e, conseqüentemente, de delineamento de suas características. No mais famoso livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968, as marcas desta espiritualidade já aparecem, em muitos momentos, em afirmações como: “a fé no homem é o pressuposto do diálogo” ou “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1979, p.95-6). Em escritos e depoimentos posteriores, ele assume com muito mais veemência a importância da religiosidade em seu pensamento. No entanto, a produção acadêmica sobre Educação Popular, refletindo o dualismo da ciência que divide o mundo em dois (o empírico e o espiritual ou, no dizer de Descartes, a natureza, de um lado e a graça em teologia do outro, Durozoi e Roussel (1996, p. 141), tendeu a ver a associação com o religioso como circunstancial. A religiosidade presente na maioria das práticas de Educação Popular seria apenas a linguagem de expressão possível, naquela cultura e naquele contexto político repressivo. A religiosidade presente em autores, como Paulo Freire, também foi percebida como peculiaridade de suas personalidades não aplicáveis à estrutura do pensamento e prática pedagógica da Educação Popular.

Não se quer, com isto, afirmar o caráter religioso da Educação Popular, mas sim que a forte presença da dimensão religiosa em suas práticas e na formulação de alguns dos pioneiros de sua sistematização teórica indica uma característica epistemológica de suas práticas que grande parte da reflexão sociológica e pedagógica não conseguiu captar. Se entendermos a religiosidade como a forma mais utilizada pela população para expressar e elaborar a integração das dimensões racional, emocional, sensitiva e intuitiva ou a articulação das dimensões conscientes e inconscientes de sua subjetividade e de seu imaginário coletivo, esta sua forte presença significa um avanço em seu método de perceber e tratar as interações entre educador e educando em relação ao pensamento sociológico e pedagógico, ainda preso ao paradigma modernista que continuava dominante no final do século XX. Significa que a centralidade do diálogo

no método da Educação Popular não se referia, nas suas práticas pedagógicas, apenas à dimensão do conhecimento e dos afetos e sensações conscientes, mas também às dimensões simbólicas do inconsciente presentes nas relações sociais. Nas práticas de Educação Popular conduzidas numa linguagem religiosa, dimensões inconscientes participam explicitamente de forma central dos diálogos que se estabelecem, através das metáforas das histórias míticas e dos símbolos da liturgia. Assim, o questionamento maior do saber popular, tão valorizado nas práticas de Educação Popular, ao pensamento moderno não está nos conhecimentos inusitados e surpreendentes que expressa sobre as estratégias da população adaptar-se à realidade onde vive, mas na sua forma de estruturar o conhecimento de uma forma que integra dimensões racionais, intuitivas e emocionais. Seu maior ensinamento para os profissionais de formação científica, que com ele interagem, é epistêmico, ou seja, questiona o paradigma ou o modelo geral como o pensamento tem sido processado na produção e estruturação do conhecimento considerado válido pela sociedade moderna. Ele não está submetido à ditadura do saber aprendido conscientemente e logicamente estruturado. Inclui e se articula com o saber que brota do corpo e que utiliza estados de inebriamento e excitação para se estruturar. Isto não foi captado pela maior parte da reflexão teórica sobre Educação Popular que se construiu.

A convivência intensa de alguns profissionais de saúde com as classes populares e os seus movimentos tem-lhes ensinado um jeito diferente de conduzir seus atos terapêuticos. Aprendem a romper com atitude fria dominante no modelo da biomedicina e passam a criar um vínculo emocional com as pessoas cuidadas que gera um estado de alma aberto para ser afetado profundamente por elas. Este envolvimento com as pessoas cuidadas desencadeia intuições que são acolhidas e colocadas em operação no trabalho em saúde. Vai-se, com o tempo, adquirindo uma confiança neste agir orientado também pela emoção e a intuição. Aprende-se a valorizar percepções sutis dos sentidos. Vai-se também aprendendo a manejar, de forma equilibrada, a relação entre a razão, a emoção e a intuição na estruturação do gesto terapêutico. A intuição traz à tona saberes produzidos nas estruturas arquetípicas do processamento mental inconsciente que foram descobertos por Jung, permitindo acessar saberes acumulados durante todo o processo histórico de construção da espécie humana que são herdados por todos pela genética e pela assimilação de elementos simbólicos da cultura.

Justamente por este aprendizado junto às classes populares propiciado pela convivência, têm sido os profissionais

e pesquisadores do movimento da Educação Popular em Saúde que vêm tomando a frente de trazer o debate sobre o tema da espiritualidade no trabalho em saúde para o campo da saúde coletiva no Brasil.

A Educação Popular não é a única proposta educativa voltada para a construção da justiça social que valoriza o diálogo e a participação dos movimentos sociais. Na Europa, principalmente, há uma forte tradição de trabalho social com estas características que não se inspiram na Educação Popular. Talvez seja esta valorização de sentimentos profundos nas ações educativas coletivas, possibilitada pela forte presença da linguagem simbólica religiosa das classes populares latino-americanas, uma das marcas fundamentais da identidade do jeito de fazer da Educação Popular frente a estas outras tradições progressistas de trabalho social, inovando ao trazer a paixão e a compaixão para a ação educativa no trabalho político pela superação da opressão em um contexto cultural de uma militância muito influenciada pelo marxismo que desvaloriza a dimensão subjetiva na luta política.

O SIGNIFICADO DA VALORIZAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE PARA A LUTA POLÍTICA

A luta social pressupõe fé coletiva, ou seja, entregar-se, correndo riscos, com firmeza, determinação e muita esperança a um projeto coletivo que é incerto, pois seus resultados não estão assegurados pela consideração lógica dos dados da realidade presente. O trabalho coletivo, voltado para a emancipação, significa investir na conquista do que está além da organização social presente. É arriscar transformar um sonho e uma esperança em uma realidade futura. O que leva os indivíduos e os seus grupos a correrem tanto risco (inclusive de suas próprias vidas) e a deixarem, de lado, situações de certo comodismo para se dedicarem a projetos tão incertos? Há projetos que, muitas vezes, parecem ser ridículos e impossíveis para a comunidade a que pertencem? De onde vem esta teimosia que tem transformado a humanidade? Esta formidável insensatez humana não pode apenas vir da elaboração racional dos fatos presentes, pois ela contra-indicaria muitas destas iniciativas.

Diante de um mundo tão opressivo para as classes populares em que as transformações vão o-correndo em um ritmo muito rápido, sem que se tenham informações claras que lhes permitam se situar, há uma forte tendência de tudo parecer caótico. O turbilhão de emoções, instigadas pelas repetidas situações de opressão, provocam intensa confusão mental. Pequenas calamidades se repetem. Iniciativas de sair da roda-viva de opressões são repetidamente frustra-

das pela dinâmica impessoal do capitalismo e parecem ser insignificantes. Dados da realidade comumente parecem indicar para as classes populares estarem em um “beco sem saída”. Neste contexto, o desânimo (e até o desespero) é um grande risco. O que faz este povo ter, neste contexto, esta estranha mania de ter fé na vida como canta Milton Nascimento, em sua música “Maria”?

A luta social se sustenta na abertura e atração do ser humano para o infinito, a transcendência, apesar de marcado por tantas limitações no seu corpo, na sua inteligência e na sua capacidade de afeto. É um ser enraizado em um determinado local, tempo e contexto social e cultural. Ser submetido a situações de opressão e miséria, mas capaz de um olhar crítico que o torna inconformado e, por isto, em contínuo movimento de protesto, movido por uma vitalidade surpreendente que o impulsiona a transcender, ir além das realidades consideradas naturais. No início, um protesto individual. Mas se percebe que há algo a ser feito para o qual sozinho não se tem condição de levar adiante. A transcendência, no sentido aqui assumido, é este elã vital presente no ser humano, fonte de sua garra teimosa para a luta social.

A espiritualidade, a arte e o saber de tornar o viver orientado e impregnado pela experiência da transcendência é fundamental para o fortalecimento dos movimentos sociais. As pessoas do meio popular repetidamente afirmam encontrar em sua religiosidade a fonte do ânimo para se manterem empenhados na busca de uma vida mais digna e feliz apesar das situações profundamente opressivas em que se encontram. E para estranhamente se manterem com um encantamento diante da dinâmica da vida.

A complexidade das realidades políticas faz com que a discussão da melhor estratégia a ser tomada tenda a se tornar um debate sem fim. Há sempre novas perspectivas de análise ainda não consideradas para a avaliação de determinada situação. Mas a luta política exige a ação de lideranças, individuais ou coletivas, que tenham a coragem de assumir posições com uma firmeza que a simples consideração lógica e racional não permitiria. Coragem de decisão em situações de tanto risco. O que orienta a firmeza destas lideranças diante de tantas possibilidades de posicionamento? A convivência com várias lideranças de movimentos sociais tem mostrado que estas pessoas são extremamente intuitivas. Aprenderam a lidar de forma sábia com o processamento subjetivo, em grande parte inconsciente, de tomada de decisão, integrando racionalidade, intuição, emoção e acuidade de percepção. A partir de experiências de sucesso e fracasso, em grandes e pequenos embates, vão aprendendo a refinar a forma e a dose como

integram estes quatro elementos da elaboração subjetiva. Decidem instigados pela emoção, mas são zelosos no cultivo, por caminhos próprios e diferenciados, de estados mentais em que suas intuições possam aflorar de forma mais intensa e menos influenciada por sentimentos dominantes no ambiente próximo. Referem-se com frequência à religiosidade como instrumento central neste processo de tomada de decisões.

O vislumbre, que o estado alterado da consciência cultivado pela espiritualidade propicia, tem se mostrado fundamental para muitas lideranças de movimentos sociais buscarem percepções simbólicas que dêem conta de compreender sinteticamente as situações sociais complexas e, até mesmo, confusas em que estão submetidas, gerando orientações e sentidos para suas lutas. Faz parte da luta a ousadia de questionar os sentidos e as explicações consolidados no discurso dominante. A elaboração teórica necessária ao enfrentamento não se restringe à busca de estratégias mais eficazes e à construção de conhecimentos que contraponham à ideologia dominante, mas também na construção simbólica de sentidos que comuniquem sinteticamente a nova perspectiva social buscada. Este é o campo de elaboração da inteligência espiritual.

A importância do que usualmente se denomina de força carismática de lideranças políticas na mobilização de iniciativas coletivas está correlacionada à capacidade de conectarem as suas atitudes com dimensões profundas da subjetividade, o que pode ser ilustrado por exemplos recentes, como Gandhi, Martin Luther King, Dalai Lama e Betinho.

O contato com o eu profundo, cultivado pela espiritualidade, tem se mostrado também importante para estas lideranças como fonte de mobilização de energia e ânimo nas situações afetivamente tão adversas como ocorre no enfrentamento político. Na luta há agressões, disputas pessoais, críticas duras, conquista de uma visibilidade social que desperta vaidade e inveja, perda de amizades, instigação de intensas vontades adormecidas de poder, adulações sedutoras, emergência de ódios e uma série de outras situações emocionais que agitam e confundem quem está envolvido. São situações sempre novas que, em alguns momentos, surgem num ritmo alucinante, exigindo uma maturidade afetiva muito grande. Nem sempre há tempo para que estes intensos sentimentos revoltos se decantem com tranqüilidade. Muitos enfrentamentos se esvaziam pelo desânimo que toma conta dos participantes ou pelos atritos afetivos que dividem o grupo. É muito difícil, como orientava Che Guevara, combater sem perder a ternura. Inúmeros líderes políticos têm ressaltado o papel da es-

piritualidade como instrumento central de alinhamento emocional capaz de manter a atenção focada no centro da luta e nos objetivos principais sem se dispersar com o que é periférico e, ao mesmo tempo, atento a detalhes sutis importantes. Ressaltam também ser instrumento de, diante das perdas e desgastes emocionais, manter o ânimo para a luta e a vibração que irradia e mantém a coesão do grupo. As técnicas de meditação e oração das diversas tradições religiosas são repetidamente mencionadas por eles como centrais na estruturação de suas ações. No oriente, os templos budistas e taoístas eram, com frequência, locais privilegiados de formação dos guerreiros.

Se a espiritualidade é importante na sustentação da luta social, a luta também é caminho de de-senvolvimento espiritual. As pessoas, que acreditam na possibilidade do mundo vir a se tornar diferente de forma a contemplar os sonhos de seu grupo social e investem na sua construção, ficam atentas para a realidade buscando sinais, pistas e alianças, que inicialmente não se manifestam de forma clara. É preciso aguçar a percepção sensorial, a intuição, a sensibilidade emocional e a razão. A luta motiva o aprendizado. Dá sentido ao estudo. O caráter indefinido do enfrentamento incentiva a valorização e integração das várias capacidades de elaboração subjetiva. A emoção e as prementes exigências do processo criam forças capazes de quebrar o modelo dominante de construir conhecimento que procura analisar a realidade, desvalorizando a experiência, olhando-a de longe para tentar um saber descontaminado das complicações e tortuosidades humanas. No furor do embate, se cria um saber lambuzado de suor, lágrima e paixão. A mobilização emocionada da mente, centrada no objetivo da luta, vai elaborando de forma rápida as novas informações, sentimentos, sensações e intuições que chegam em um ritmo, muitas vezes, alucinado, sem tempo de uma consideração lógica e cuidadosa. Vai se descobrindo, através de pequenas vitórias, a potência deste tipo de elaboração que acontece, de forma em grande parte inconsciente, na mente disciplinada e mobilizada em tor-no de objetivos assumidos com garra.

A imagem do guerreiro da antiguidade, armado com sua espada e seu escudo, em batalha junto com seu exército, é exemplar. Seu braço está cansado, já não suporta a espada. Tem ferimentos que doem e despertam pavores de morte. O inimigo o ameaça, amedronta e insulta das formas mais diversas. Na mente ressurgem conflitos de antigas disputas na tropa e mágoas a respeito de velhas frustrações. Mas sua sobrevivência depende da capacidade de se manter centrado na luta, relegando para segundo plano estas dispersões, conseguindo mobilizar motivações interiores que gerem

energias capazes de superar as crescentes limitações físicas. Ao mesmo tempo, precisa estar atento aos sinais mais sutis que podem indicar a aproximação de uma espada inimiga. Sua mente precisa estar alerta para saber, no momento adequado, inverter a estratégia de luta. Tudo é muito rápido. Precisa confiar numa elaboração que ocorre para além de sua razão, capaz de desencadear gestos de defesa, ataque e comando que sua consciência apenas assiste. É individual e coletivo, ao mesmo tempo. Precisa se sentir conectado a sua tropa e age intuitivamente a ela ligado. Sem esta elaboração integrada do corpo, da mente e do coletivo não é um grande guerreiro.

A luta instiga. Provoca. No embate, a emoção da luta faz emergir forças interiores que não se conhecia. Revela dimensões importantes do eu profundo. Isto, acontecendo coletivamente, gera experiências marcantes. Numinosas. Uma transcendência coletiva se revela. Nas artes marciais se sabe que só a luta forma o guerreiro, porque é preciso antes ter esta experiência. Não basta saber todas as técnicas de luta. O guerreiro é o que consegue, no momento da luta, integrar os ensinamentos recebidos em gestos impulsionados pela emoção e guiados pela intuição que é muito mais ágil que a razão. É aquele que consegue criar um estado mental capaz de deixar seu corpo expressar-se guiado por seu eu profundo, tornando-o uma unidade integrada. Do mesmo modo, a formação do cidadão, ator social ativo, militante, exige a passagem pela luta social, onde se vive uma experiência, ao mesmo tempo pessoal e coletiva, que marca e inaugura uma nova subjetividade. Não é apenas uma questão de um aprendizado de conteúdos sociais, como usualmente é ressaltado. É uma nova atitude de alma que as análises teóricas não têm conseguido revelar, talvez pela não valorização de conceitos que expressem esta emoção profunda integradora da mente e do corpo, como o da espiritualidade.

A espiritualidade não se desenvolve, portanto, apenas em processos isolados de interiorização. A entrega apaixonada ao enfrentamento dos problemas da vida, de forma aberta à interação com o diferente, é fonte de desenvolvimento espiritual.

A vivência grupal, nestas situações de enfrentamento, adquire uma emoção e uma intensidade que tor-na uma referência para os sonhos pessoais de uma sociedade solidária e fraterna. A sensação de unidade social, que é vivida em grandes marchas, passeatas, grandes debates, atos coletivos de protesto e celebrações do movimento, representa uma experiência momentânea, mas concreta, da situação de solidariedade social buscada. É um anúncio antecipado da possibilidade real do projeto coletivo buscado. A mobiliza-

ção emocional e as necessidades concretas de colaboração provocadas pela luta criam relações de companheirismo entre os participantes do movimento que vão minando a cultura individualista dominante. Estabelecem-se diálogos sobre estratégias, análises conjunturais, sonhos, medos, sentimentos emergentes, leituras e visões de mundo que tornam o movimento em uma grande escola onde é superada a dicotomia entre conhecimento e emoção no processo de elaboração do novo saber. Experimenta-se a força criativa do processo coletivo na produção de saber. É a introjeção profunda e encantada desta experiência da força criativa coletiva, mais do que os saberes estruturados aprendidos, que torna muitos militantes da Educação Popular em insistentes crentes nos processos educativos coletivos. Experiências solidárias pequenas abrem perspectiva para a imaginação possibilidades de solidariedade mais audaciosas.

CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE NA EDUCAÇÃO POPULAR

Educadores populares reiteradamente referem-se a experiências fundadoras, em que vivenciaram a força criativa do trabalho coletivo, para explicar sua condição de educadores. Elas, ao serem narradas, evocam mais emoções do que saberes claramente decodificados. Expressões tiradas da linguagem religiosa, como sensação de intensa comunhão, são comumente utilizadas para descrever estas experiências. A comunhão vivida seduz, alimenta o sonho e anima a luta. Gera uma satisfação profunda que se torna uma referência para outras buscas. A vivência grupal no movimento é assim, muitas vezes, um ritual de vivência espiritual semelhante a rituais religiosos. As primeiras experiências de participação em movimentos de lutas sociais, referidas com reverência pelos educadores populares, ao contarem sua trajetória pedagógica, podem, portanto, ser vistas como os rituais de passagem descritos pelos antropólogos em muitos grupos étnicos. Educam, comemoram e se tornam símbolos que marcam e anunciam uma passagem de vida importante: de trabalhadores alienados movidos pelo sonho de consumo a atores sociais ativos; de indivíduos para cidadãos.

Para os profissionais de saúde e intelectuais, em geral provenientes de grupos sociais com melhor condição econômica, esta experiência de comunhão em práticas de Educação Popular tem ainda uma outra dimensão, pois é também, usualmente, uma experiência de encontro com a pobreza. Frequentemente se refere ao trabalho com os pobres como algo dependente de um altruísmo, uma dedicação abnegada. Esta, no entanto, não é o que marca

a experiência de um grande número de educadores populares em que, na verdade, são tocados por um fascínio com o surpreendente dinamismo e vitalidade presente no mundo da pobreza quando se cria espaço para uma relação desarmada e igualitária. Este encontro muito mais seduz do que convoca para um dever de apoiar, o que ajuda a explicar a sempre renovada chegada de novos militantes para tarefas aparentemente tão pesadas. Este aspecto faz parte da cultura ocidental de trabalho social e tem sido pouco analisado, talvez pela rejeição da consideração de elementos religiosos pela maioria das ciências. A história da figura mítica de São Francisco de Assis (foi escolhido, em 1999, na Europa, como a maior personalidade do II Milênio) é exemplar neste aspecto.

Ele, nascido no final do século XII, era filho de um abastado comerciante italiano, fazendo, então, parte da burguesia nascente. Teve uma juventude de muitas festas e despreocupação. Mas, de repente, seus amigos começaram a notá-lo muito quieto. Eles lhe perguntam: *-Você sempre era o líder das nossas festas, das nossas cantorias noturnas, por que agora você se retira?* Ele responde: *-Encontrei uma dama maravilhosa, lindíssima, brilhante! Estou enamorado, apaixonado por ela e tenho dor de amor...* Eles voltam a perguntar: *-Qual foi a menina que você encontrou?* Francisco lhes responde: *-Encontrei a Dama Pobreza, a Senhora Pobreza. Fiquei tão fascinado que vou abandonar tudo para fazer o sponsório com a Dama Pobreza.* Seu encontro com a transcendência se deu através da pobreza e particularmente com os leprosos. Em seu tempo, os leprosos eram símbolo do pecado e totalmente rejeitados. Andavam com uma campainha dependurada no pescoço para alertar às pessoas de que era necessário se afastarem, pois estavam chegando. Durante suas freqüentes crises, buscava o acolhimento dos leprosos para se recompor. O cristianismo assume importância maior em sua vida a partir da sua relação com a pobreza e os doentes (LELOUP; BOFF, 1997, p.31-34). A importância da experiência numinosa do brilho precioso encontrado na relação igualitária com a pobreza e a doença é repetidamente referida por educadores populares quando se cria um ambiente de comunicação em que dimensões, que eles consideram sagradas, podem ser expressas. Sagrado, segundo André e Ferry (1999, p.18), é aquilo por que, se necessário, se dispõe a sacrificar a própria vida.

Esta forma de perceber os pobres e os doentes inaugura um outro tipo de relação para com eles que rompe com a tradição da filantropia burguesa e do trabalho social tradicional que se condoem com a sua situação de sofrimento, mas os vêem como carentes e, por isto, funda uma relação de ajuda unilateral. É a piedade. Nesta perspectiva, é difícil

haver diálogo profundo entre quem ajuda e quem recebe que tende a ser visto apenas como recebedor. Quando há diálogo nesta situação, ele tende a ser uma estratégia pedagógica para convencer ou levar ao carente a informação que se acredita ser importante para sua salvação. A percepção de brilho e novidade fascinantes nos pobres e doentes abre a mente de quem deles se aproxima, motivado pela compaixão, para uma atitude reverente de escuta. Cria uma conexão entre os seres em que a dor e a alegria de um repercute no outro como se fosse em si mesmo, apesar dos seus sistemas nervosos não estarem conectados. Cria uma solidariedade que parece nascer das próprias entranhas. Trata-se de uma realidade, usualmente ironizada por quem acredita se guiar apenas pela razão lógica, mas que é uma experiência freqüentemente relatada na sociedade, apesar de nem sempre ser ressaltada.

O encantamento com o pujante vigor humano, que de forma surpreendente se manifesta em situações tão precárias e torna estas pessoas pobres e doentes tão fascinantes, é base para um diálogo que torna o trabalho social num espaço de construção de elementos novos e fundamentais para uma sociedade justa e vigorosa. Aponta para um conceito de justiça social diferente do habitualmente referido entre as pessoas envolvidas nas políticas sociais que enfatizam a superação das desigualdades sem valorizar as importantes contribuições proporcionadas pelo diálogo entre setores tão desiguais para a construção de uma sociedade alegre e solidária. Uma justiça que, além de superação das opressões, pretende revitalizar e questionar as estruturas sociais pelos questionamentos, inovações e vigor que os oprimidos portam.

Funda também uma ética em que o dever e a obrigação de ajudar, de amar e de militar é substituída pela paixão e o encantamento de ajudar, de amar e de militar. O trabalho social passa ser conduzido, sobretudo, pelo enlevo amoroso, tornando-se espaço de um encontro em que amados e amadas se transformam afetivamente, racionalmente e corporalmente. E geram filhos. Encontro capaz de satisfazer uma existência. Espaço de descobertas e reconstrução mútua. Lugar de aventuras. Montanha russa de emoções, com raivas, surpresas, alegrias, desprezo e paixão. Neste contexto, os gestos e palavras ganham um colorido afetivo que muda totalmente seu significado. Os resultados são outros. Os frutos surpreendentes alimentam ainda mais o fascínio amoroso com a relação. Esta perspectiva de trabalho social, apesar de parecer para muitos uma idealização poética irreal, é concreta e fundamental para compreender muitos atores que historicamente vêm se dedicando, com as contradições e inconstâncias inerentes a todo ser hu-

mano, à educação e à saúde. É interessante como a ênfase racional e material do discurso científico dominante tem impedido ou desqualificado a explicitação desta atitude de relação regida pelo enlevo amoroso, tão presente na prática concreta de trabalhadores sociais. Tornou-se deselegante e inadequado falar de motivação amorosa nas discussões acadêmicas sobre políticas sociais.

Esta perspectiva ética de relação com os oprimidos e doentes é fortemente alimentada na América Latina pelo cristianismo, apesar do discurso de setores importantes da hierarquia de muitas igrejas cristãs apontarem em outra direção. Parte significativa da hierarquia clerical, com o intuito de criar uma comunidade religiosa submissa a uma doutrina unificada, muitas vezes tem estruturado e propagado um discurso para a massa de fiéis que frisa a obediência doutrinária e uma ética do dever de amar e ser solidário. A experiência mística da entrega ao embebedamento amoroso, que pulsa na alma humana, é libertária e geradora de auto-nomia pessoal diante das doutrinas e do poder estabelecido. Por isto tem sido pouco incentivada, sendo, algumas vezes, até mesmo reprimida, pela hierarquia eclesial. Grandes místicos do cristianismo, inclusive São Francisco, foram perseguidos por setores da hierarquia das grandes igrejas cristãs, com sua ênfase na obediência às normas doutrinárias. Este discurso clerical, centrado na obediência à doutrina, tem sido percebido por grande parte dos intelectuais como a realidade do cristianismo. Mas, no cristianismo vivido pelas classes populares, circulam fortemente outras leituras que vêm sendo, até mesmo, motivo de preocupação e iniciativas de controle por parte de muitos setores da hierarquia das igrejas cristãs. As palavras dos textos dos Evangelhos, onde está bastante presente a ênfase na entrega e na potência do enlevo amoroso, bem como o combate a uma religiosidade formal centrada na regra e no dever, circulam, apoiadas por várias lideranças religiosas, e inspiram de forma independente ao discurso doutrinário da hierarquia cristã tradicional.

Esta perspectiva de trabalho social encantada com a surpreendente e vigorosa criação, capaz de emergir das relações humanas profundas e dialogadas, tem outras importantes conseqüências. São habituais situações de intenso conflito e divisão entre os ativistas sociais por causa de suas diferentes concepções políticas. A polêmica acirrada em relação ao projeto de sociedade que deveria orientar o trabalho social tem se mostrado causa importante de esvaziamento de muitas iniciativas. Mas se a motivação maior for o investimento no processo criativo livre que se constrói nos espaços educativos, acreditando na sua potencialidade de fazer manifestar a transcendência de forma inesperada e im-

previsível, há uma relativização da importância da discussão de detalhes projeto político utópico buscado. Estes projetos e teorias passam a ser encarados apenas como referência importante, por orientarem os gestos iniciais de cada ator. Mas sua centralidade é deslocada para a discussão metodológica de como assegurar a manifestação das vozes profundas da diversidade dos envolvidos no processo e principalmente daqueles mais fragilizados. A ênfase passa a ser o processo criativo, sempre surpreendente, e não o projeto racional prévio. Acredita-se que a construção política de uma sociedade futura mais justa e feliz é resultado da interação, por caminhos imprevisíveis, de atores sociais carregados de potencialidades misteriosas, desconhecidas até mesmo por eles próprios, cria-se um desapego aos projetos iniciais de cada um, pois se sabe que a novidade germinada neste processo carregado de emoção supera em muito as limitadas capacidades da razão e da ciência. As ciências sociais e humanas representam contribuições fundamentais, mas não esgotam o mistério da vida. Cria-se, assim, uma certa tranquilidade capaz de acolher e alegrar com a diferença. Nesta perspectiva, o companheiro que pensa diferente deixa de ser visto como obstáculo. A intolerância à diferença e a falta de abertura ao processo de livre criação passam a ser vistos como os maiores empecilhos.

A POTÊNCIA POLÍTICA DOS GESTOS CONECTADOS COM O EU PROFUNDO

Palavras e gestos, que nascem conectados com o eu profundo, vêm carregados de uma emoção e uma vibração que impactam e proliferam de forma diferente. Na luta política, eles resultam em um tipo de eficácia que muitas vezes surpreende. A sociedade está cansada e irritada com a falta de autenticidade das lideranças políticas. A incoerência entre suas ações públicas e vida pessoal tem esvaziado a mobilização para iniciativas coletivas. Autenticidade gera respeitabilidade social, apesar de levar a explicitação de dúvidas, emoções ambíguas e indecisões momentâneas que contrariam as exigências do marketing político necessário para vitórias a curto prazo. Mas se o investimento político maior, muito mais que a obtenção de vitórias imediatas, é a criação de espaços radicalmente democráticos de construção política onde a transcendência humana possa se manifestar de forma plena e surpreendente na vida social, o cultivo da autenticidade nos movimentos sociais se torna prioritário. As tradições de espiritualidade, na medida em que são arte e saber de autoconhecimento, podem contribuir na construção coletiva de ações políticas profundamente autênticas e mobilizadoras nos movimentos sociais.

A espiritualidade aprendida na luta dos movimentos sociais, ao resgatar a dimensão coletiva e histórica da transcendência, tem também um significado pedagógico para uma certa tendência de ordenação da vivência da espiritualidade de uma forma mais individualista que vem sendo muito difundida e que encontra grande sintonia com a ideologia dominante no capitalismo. A espiritualidade da luta e do engajamento social contribui ao mostrar que o desenvolvimento humano está limitado pela forma como a sociedade está organizada. Para a transcendência pessoal poder se manifestar amplamente é necessário também investir na transformação das estruturas políticas e econômicas da sociedade que constroem as possibilidades de desenvolvimento individual. E a luta política gera processos de autoconhecimento importantes por revelarem para a coletividade envolvida dimensões pouco conhecidas da alma humana. O pensamento marxista, apesar da oposição de Marx à vida religiosa, contribuiu muito para o desenvolvimento, no mundo contemporâneo, desta espiritualidade engajada através de sua crítica à ênfase absoluta de muitas tradições religiosas no desenvolvimento individual como estratégia de emancipação humana, bem como à convivência de muitas igrejas com a manutenção de estruturas econômicas e políticas de exploração que constroem fortemente as possibilidades de desenvolvimento espiritual de cada cidadão. O desenvolvimento das potencialidades humanas depende, não apenas de um processo de autoconhecimento, mas de mudanças na estrutura de organização da vida social.

Para a tradição do pensamento sociológico marxista, a ênfase na compaixão entre as pessoas como caminho de superação da injustiça social tende a esvaziar a luta política. A compaixão está voltada para o particular e não para o geral. O marxismo enfatiza justamente a centralidade das lutas para a transformação das estruturas sociais organizadoras do modo e produção e distribuição da riqueza, que é uma luta geral, orientada principalmente por análises racionais da realidade. Criou-se, assim, uma separação entre a com-paixão e ação política racionalmente orientada, que explica parte dos usuais conflitos entre as várias tradições religiosas e o marxismo.

Desde o final do século XIX, começa a se desenvolver na França, dentro do catolicismo, uma corrente crítica anticapitalista, atraída pelo socialismo (LÖWY, 2000, p. 231). Intelectuais como Charles Péguy (1873 - 1914), Simone Weil (1909 - 1943) e Jacques Maritain (1882-1973) foram importantes neste processo. Durante a II Guerra Mundial (1939 - 1945), quando comunistas e cristãos se uniram na França na dura e demorada resistência contra o nazismo,

este diálogo se intensificou. Movimentos, como dos padres operários e a Ação Católica, expressam este diálogo. Como a França teve uma grande influência cultural sobre o Brasil, estas reflexões e movimentos tiveram grande impacto na intelectualidade cristã brasileira e se difunde socialmente principalmente através do movimento da Ação Católica e, em particular, por seu setor universitário, a JUC (Juventude Universitária Católica). A teologia da libertação latino-americana é a expressão mais avançada desta tentativa de integração entre o cristianismo e marxismo.

No Oriente, durante a Guerra do Vietnã (1959 - 1975) entre o movimento comunista e forças francesas e, depois, norte-americanas, monges budistas passaram a assumir posições políticas firmes em defesa da paz, passando a incorporar reflexões da teoria sociológica em sua ação. Sob a liderança do monge Thich Nhat Hanh, que se exilou na França, surge o denominado budismo engajado (KOTLER, 1996), uma expressão do esforço de integração entre a ação social orientada pela compaixão e o agir político orientado pelo conhecimento sociológico, bem menos marcada pelo pensamento marxista do que a teologia da li-bertação.

A Educação Popular se constitui extremamente marcada por este esforço teórico e por movimentos sociais voltados para a construção a uma sociedade mais solidária e justa em que se supere a separação entre a ação fundada na razão (teorias sociais) e a paixão (compaixão). Desenvolve reflexões e práticas de ação social e luta política em que a paixão se mostra motivadora da razão e a razão orientadora da paixão.

IMPLICAÇÕES DA VALORIZAÇÃO DA DIMENSÃO ESPIRITUAL PARA A METODOLOGIA DE CONDUÇÃO DO TRABALHO SOCIAL

A valorização da espiritualidade no processo de luta social tem implicações importantes para a metodologia de condução da ação educativa intencional que ali se realiza. A discussão teórica sobre Educação Popular tem enfatizado a importância do diálogo para a construção coletiva do conhecimento necessário para a superação dos problemas. Mas, na medida em que se enfatiza a importância da motivação, da garra, da capacidade de mobilizar simpatias e de perceber com clareza o sentido da luta e das dificuldades, é preciso passar a enfatizar também outros aspectos metodológicos.

A motivação para luta é uma construção que parte de sentimentos individuais e difusos de insatisfação, inconformismo, revolta, alegria e carinho. O espaço pedagógico

precisa tratar não apenas dos saberes prévios para ampliá-los pelo diálogo, mas destas emoções ainda pouco elaboradas. Criar espaço para que sejam expressos e discutidos. Compartilhar emoções não significa apenas conversar sobre elas. Muitas vezes, não são necessárias muitas palavras sobre as emoções expressas. Gestos, olhares, silêncios, lágrimas e abraços compartilhados têm um grande significado na elaboração emocional do grupo. Para isto, o educador popular precisa valorizar estas expressões, criando espaço para que aconteçam e ressaltando as manifestações mais acanhadas. É preciso estar atento para aspectos emocionais não claros que vão surgindo no processo de organização do movimento e durante a luta social. O grupo se fortalece quando há pessoas sensíveis para captar sentimentos significativos, mas escamoteados pois com grande potencial de geração de mal estar no grupo. É preciso discutir com cuidado as estratégias de trazê-los à tona nas reuniões. A psicologia tem muito que contribuir neste processo, mas é prejudicial uma tendência intelectualista de iniciar a consideração deste tipo de questão por meio de tentativas de interpretação das emoções em jogo dentro de esquemas teóricos de alguma corrente da psicologia, de forma classificatória e apressada. A valorização das emoções em jogo é freqüente na prática dos movimentos de educação popular, mas tem sido pouco explícita nas análises teóricas feitas. Há uma metodologia construída historicamente nestas práticas de procurar trazer à tona estes sentimentos sem muita análise, mas principalmente com carinho e acolhimento, criando silêncios e dando tempo para sua elaboração. Muitos processamentos ocorrem para além da explicitação clara no grupo. Querer discutir, de forma exaustiva, emoções presentes no processo grupal, pode significar uma desconsideração com o seu potencial destrutivo se não acolhidas com respeito.

Assim, Educação Popular é também a elaboração conjunta dos sentimentos e motivações presentes nos grupos e nas comunidades. É valorizar e criar mecanismos de percepção da elaboração silenciosa que se dá na dinâmica coletiva, criando uma sensibilidade para saber quando é preciso trazê-la para a discussão clara. O diálogo, elemento metodológico central no pensamento de Paulo Freire, se refere também aos afetos. Diálogo mediado por palavras, gestos e silêncios. O reconhecimento deste aspecto metodológico é muito importante para a formação de novos educadores populares.

Se os sonhos, as esperanças e as idéias utópicas são fundamentais para despertar a luta social, é preciso também criar espaços para sua explicitação e conversa. Surgem como devaneios carregados de tolices. Confusos. Sonhos tolos despertam outros sonhos tolos que, compartilhados,

vão se refinando e se adequando às condições concretas da realidade. Uma atitude muito lógica e firme nos espaços educativos não permite que sonhos tolos se manifestem. A valorização dos sonhos tolos e das idéias aparentemente infundadas por um educador respeitado tem um grande efeito de legitimação social destas particularidades, que as pessoas se envergonham de trazer para espaços públicos de discussão. Para isto, é preciso criar um espaço de acolhimento destas realidades subjetivas que todos têm. O clima de embate na luta política, em que a disputa por posições pode levar ao uso das fragilidades do oponente para enfraquecê-lo, exige que estes espaços de conversa sobre sonhos e esperanças, ainda em fase de organização lógica, sejam tratados com muito cuidado e reserva. Lideranças que tomam a iniciativa de compartilhar com os companheiros as suas utopias cheias de dúvidas, criando espaços apropriados, têm um grande significado para a humanização do processo de enfrentamento político, o que, por sua vez, tem muita influência na forma como os novos projetos serão implementados no futuro. Os meios influenciam os fins.

Educação Popular, portanto, é também o fortalecimento do diálogo sobre os sonhos e idéias utópicas que estão instigando as pessoas, mesmo que apareçam tolos. É valorizar e criar espaço de aperfeiçoamento dos primórdios subjetivos de projetos concretos de transformação social. Fazendo-se assim, se traz para o diálogo pedagógico elementos mais densos do eu profundo dos educandos, numa espiritualização mais intensa da prática educativa.

A influência do pensamento marxista na Educação Popular muito contribuiu no delineamento da sua metodologia. Uma de suas contribuições é a ênfase na busca de debater as causas políticas e econômicas dos problemas abordados dentro de uma perspectiva histórica. Há também uma priorização da busca de estratégias para a transformação das estruturas sociais que originam, de forma contínua e repetida, os problemas pessoais e comunitários que angustiam os indivíduos. A perspectiva marxista desloca o olhar das questões pessoais para as questões sociais, o que representa uma grande inovação em uma sociedade marcada pela ideologia liberal que tende a priorizar o olhar para a perspectiva individual. Os problemas pessoais e a própria dinâmica subjetiva são determinados pela forma como a sociedade se organiza, que se torna, portanto, o centro da reflexão educativa e da prática transformadora. Mas esta ênfase no social tem gerado, em muitas práticas educativas, uma desvalorização de dimensões subjetivas importantes. O que faz as pessoas se mobilizarem não é o problema social e material em si, mas o significado que

ele assume para si e para a sua comunidade. As pessoas convivem com situações de extrema precariedade material e de opressão social sem se mobilizarem, enquanto não as significam como um problema e não percebem o sentido de iniciativas de superação.

Investir pedagogicamente no processo pessoal e coletivo de elaboração do sentido dos fatos sociais é fundamental para a conquista da justiça. Não é um processo que dependente apenas da incorporação de conhecimentos progressistas como muitas vezes se entende quando se fala da importância da conscientização política. Refere-se principalmente a uma dinâmica subjetiva simbólica de uma outra ordem que depende da participação de instâncias não conscientes e lógicas da mente humana. A troca pedagógica que contempla este tipo de processamento exige uma linguagem simbólica que é desprezada e mal interpretada pelo educador fixado no sentido objetivo das palavras.

Neste sentido, Educação Popular não é apenas buscar construir coletivamente o conhecimento necessário para a superação dos problemas, mas também uma construção coletiva e explicitação dos sentidos que mobilizam a ação humana e que permitem as pessoas se situarem no mundo em que estão. A maior angústia humana é se perceber em um mundo caótico, cujos acontecimentos que marcam a vida não têm qualquer explicação dentro de seus sistemas de crença. Educação Popular, nesta perspectiva, é valorizar a discussão não apenas das causas dos problemas e das estratégias de superação, mas também a compreensão dos significados que eles estão tendo para as pessoas. Enfatizar a pergunta: o que isto significa para você e para nós? Criar dinâmicas pedagógicas que possibilitem o balbuciar de sentidos ainda elaborados de forma inacabada. Expressões artísticas, corporais e religiosas são linguagens adequadas para isto. Criar espaço não apenas de diálogo de saberes, mas de significados subjetivos. Neste diálogo, sentidos coletivos vão sendo construídos e vão mobilizando para a transformação. O sentido manifesto de forma imediata e simplificada a respeito dos acontecimentos vividos vai sendo superado por expressões mais elaboradas e profundas, com maior capacidade despertar a motivação em outros públicos. Educação Popular é também a criação coletiva de símbolos (bandeiras, canções, poesias, orações, danças, desenhos, rituais, textos, celebrações, etc.) que sintetizem, lembrem, anunciem e comemorem o sentido que mobiliza a ação do grupo ou do movimento.

A abertura para o significado simbólico, que palavras e gestos podem assumir na comunicação, dá ao diálogo uma outra dimensão que tem sido desconsiderada pelos educadores que tendem a interpretar as expressões em

jogo apenas por seu sentido literal. Com isto, empobrecem a percepção da comunicação humana. A espiritualidade valoriza as dimensões da subjetividade capazes de captar e expressar esta linguagem simbólica, tornando o educador apto a participar desta outra dimensão pouco exata das relações. As palavras dizem mais do que intencionalmente se quer dizer. Expressões construídas com objetivos precisos costumam ser compreendidas pelo outro em sua dimensão simbólica. As pessoas têm falas impensadas, aparentemente incoerentes com seu pensamento consciente, que expressam com intensidade verdades não conhecidas por elas. Estes outros significados presentes na comunicação não são uma deturpação ou uma imprecisão, mas, pelo contrário, expressão de dimensões fundamentais do ser humano que ficam invisíveis numa perspectiva muito racionalista de escuta. Procurar trazer estes outros sentidos para o centro da ação educativa, amplia e enriquece imensamente o ato pedagógico.

Todos estes aspectos metodológicos ressaltados já estão, de alguma forma, presentes em grande parte das práticas de Educação Popular na América Latina. Explicitá-los teoricamente de modo mais claro pode contribuir para que possam ser assumidos de forma mais intensa.

Em vários campos da ciência, como a lingüística, a comunicação, a psicologia e a antropologia, vem sendo valorizado o estudo da linguagem simbólica. Muitas contribuições importantes foram feitas e são fundamentais para o educador e o profissional de saúde. Mas todo este avanço não pode fazê-los esquecer que carregam, em si, poderosas capacidades subjetivas não apenas de decodificá-la, mas de expressá-la com emoção e criatividade e que esta capacidade pode ser imensamente desenvolvida com auxílio do saber e da arte da espiritualidade. Para comunicar através da linguagem simbólica de forma potente, não é preciso destrinchá-la e dissecá-la como a ciência pretende fazer, gerando análises sofisticadas, mas que podem constranger a expressão emocionada da intuição poética e religiosa. Além disto, os símbolos ajudam a comunicar a realidade pouco definida e nominável da transcendência, mas são apenas instrumentos precários desta comunicação. Há um trocadilho comumente narrado que diz: *quando o sábio aponta o dedo para a lua, o tolo olha para o dedo*. A transcendência é a lua, e o símbolo é o dedo. O importante não é o dedo. Focar muita atenção na análise do símbolo pode dificultar a percepção do que se está apontando.

A arte e o saber da espiritualidade, que vêm sendo desenvolvidos desde os primórdios da humanidade, na medida em que lidam justamente com a busca do sentido e da motivação profunda na ação humana e a sua repre-

sentação simbólica, são instrumentos importantes para superar a perspectiva muito limitada às dimensões do conhecimento e da razão, que tem marcado a pedagogia e o trabalho social, ajudando-a ampliar sua abordagem para a vastidão assombrosa da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Educação Popular há um entrecruzamento entre pedagogia e luta política. Trata-se de uma relação tensa e difícil. Na ação educativa é fundamental o movimento de compreensão do outro que, muitas vezes, se apresenta para o educador de forma confusa, agressiva ou cheia de dissimulações. O educador provocado, às vezes agredido, precisa fazer o esforço para superar a atitude de enfrentamento e manter a atitude de busca de compreensão. Sem esta compreensão não se entende o movimento busca de ser mais presente no educando e não se pode colocar a seu serviço de modo dialogado, o que é princípio central da Educação Popular. Já na luta política, é muito forte a dimensão de enfrentamento e, até, da busca de derrota do oponente. Para isto, são cultivadas as atitudes de firmeza e agressividade que tendem a fechar para o movimento de busca de compreensão.

Usualmente se resolve a dificuldade de conciliação entre as contraditórias atitudes de compreensão e enfrentamento, enfatizando a compreensão para os aliados e o enfrentamento para os oponentes. Esta é uma solução simples, mas pouco sábia, pois o oponente surge também entre os aliados e os oponentes trazem dimensões das soluções que buscamos construir coletivamente, refletindo a dialética da busca da verdade.

O conflito faz parte do diálogo educativo com nossos companheiros. A oposição pode ser o primeiro passo do diálogo em construção, quando ainda não se tem clareza das razões da discordância. E a atitude de enfrentamento com agressividade pode ser estratégia inicial de diálogo educativo entre companheiros tomados pela emoção. Além disto, muitas lutas políticas se resolvem através do diálogo educativo entre os oponentes. Há posições que são irreconciliáveis, pois representam interesses antagônicos já cristalizados. Nesta situação, só resta o enfrentamento. Mas, muitas posições de grupos considerados antagônicos podem ser superadas pelo diálogo.

Compreensão e enfrentamento. Ternura e firmeza. Estas são dimensões contraditórias e centrais do cotidiano do trabalho social em saúde que não podem ser separadas. Pelo contrário, é preciso, muitas vezes, integrá-las, numa alquímia difícil, mas necessária. Para isto, a mente do tra-

balhador social necessita estar treinada para transitar com leveza de uma para outra. Não se trata de um treinamento que se adquire em livros e cursos, pois a dimensão emocional é central. Como acolher as emoções sem ser tomado por elas? Como perceber o todo no calor das emoções e dos argumentos contraditórios? Este é o campo da espiritualidade ou da inteligência do coração (coração entendido metaforicamente pela linguagem dos poetas).

Tradições milenares de espiritualidade nos ensinam que o refinamento da inteligência do coração exige um demorado trabalho de autoconhecimento. É preciso ter muita reverência para com a complexidade que habita abaixo da linha da consciência de cada ser humano, lugar onde, na linguagem metafórica das religiões, coexistem anjos e demônios de muita potência. Aprender a reconhecê-los e a lidar com eles exige esforço, coragem, disciplina, participação em grupos e valorização do saber acumulado pelas tradições espirituais da humanidade. Não é fácil elaborar as sombras interiores. Não é fácil integrar emoção, intuição, sensibilidade e razão. Boas intenções não bastam.

Todas as pessoas necessitam do refinamento da inteligência do coração para bem viver. Mas, para os ativistas sociais da saúde, que lidam cotidianamente com olho do furacão da vida humana por trabalharem com a crise existencial trazida pelos problemas graves de saúde e com as fortes emoções do enfrentamento político, este refinamento da inteligência do coração é fundamental para o trabalho profissional.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, C.; FERRY, L. **A sabedoria dos modernos: dez questões para o nosso tempo.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. 559 p.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1996. 511p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 218 p.

KOTLER, A. **Engaged buddhist reader.** Berkeley: Parallax Press, 1996. 262 p.

LELOUP, J.; BOFF, L. **Terapeutas do deserto: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim.** Petrópolis: Vozes, 1997. 174 p.

LÖWY, M. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 2000. 270 p.

VALLA, V. **Apoio social e saúde: buscando compreender a fala das classes populares.** In: COSTA, M. (Org.). *Educação popular hoje.* São Paulo: Loyola, 1988. p.151-176.

Submissão: janeiro 2008

Aprovação: abril de 2008
